

# PROTAGONISTA E A COADJUVANTE NA ALFABETIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL

Sara Silva Ambrozio de Oliveira <sup>1</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa é um estudo sobre a alfabetização de uma criança com paralisia cerebral que era aluna do ensino fundamental na educação básica. Esse processo alfabetizador foi um trabalho árduo, desafiador, mas também com avanços e novas aprendizagens. Mesmo com as limitações apresentadas pela aluna, o objetivo de alfabetização foi alcançado, pois ela conseguiu no final do ano escolar realizar a escrita e a leitura. Neste artigo, são citadas pesquisadoras como Emilia Ferreiro, Magda Soares que são referências em alfabetização e letramento. Essa pesquisa leva à reflexão e o conhecimento de qual é o papel do professor e do aluno a trajetória de aprendizagem, a aluna tornou-se a protagonista, a principal, autônoma e responsável por esse processo, já a professora é que auxilia, coadjuvante, que ajuda a conseguir o objetivo final: a alfabetização.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Coadjuvante, Processo, Protagonista.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa relata o processo de alfabetização de uma criança com paralisia cerebral, aluna do 4º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica. Essa trajetória de alfabetização, foi marcada por desafios, avanços e novas aprendizagens nessa troca de conhecimento. Dessa forma, foi feito um levantamento bibliográfico e uma pesquisa a partir da experiência vivida como voluntária em uma escola na qual fui responsável pela alfabetização de uma criança com paralisia cerebral.

É de suma importância, pesquisar, conhecer e estudar os processos de alfabetização e quais metodologias, didáticas ou materiais utilizar para potencializar a aprendizagem. Tratando-se de uma aluna com deficiência, torna-se mais desafiador, o professor tem que sair de sua zona de conforto e reinventar-se a cada momento para proporcionar uma aprendizagem prazerosa ao aluno.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é compreender a importância do processo de alfabetização com uma aluna com deficiência, quais os desafios, quem tornou-se o protagonista e o coadjuvante nessa trajetória e a influência desse trabalho conjunto na efetivação de uma

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de **Pós Graduação em Educação** da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, [sara.ambrozio@discente.ufma.br](mailto:sara.ambrozio@discente.ufma.br);

aprendizagem de qualidade. Logo, o que é alfabetização? O que a caracteriza? Quais metodologias, didática e materiais necessários para uma alfabetização de qualidade? Que desafios estão presentes no processo alfabetizador de uma aluna com deficiência? E quais são suas limitações? Essas respostas estarão contidas no decorrer da pesquisa.

A alfabetização é um processo que o indivíduo possa aprender a ler, escrever o nome, reconhecimento das letras, ou seja, domínio ortográfico e código de escrita. Contudo, a uma diferença da alfabetização e do letramento. O sujeito que consegue utilizar a leitura e a escrita para o seu desenvolvimento no âmbito social de forma autônoma. Segundo a autora:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES 1998, P.39,40)

Dessa forma, é de suma importância a alfabetização juntamente com o letramento e vice-versa. Como é possível fazer isso? O professor deve permitir durante o processo de “alfabetizar letrando” permitir o aluno a conviver com práticas sociais, com métodos e procedimentos que sejam diferenciados. Alfabetização e letramento sem dúvidas é bastante desafiador, mas é aquele velho clichê, desafiador, mas não impossível.

O percurso histórico da alfabetização no Brasil, é marcada no período do final do século XIX, a alfabetização nessa época ganha destaque, visto que ela era vista como algo utópico, ou seja, não era um direito para todos. A leitura e a escrita eram restritas para poucos e sua prática não era em um espaço escolar.

A sua trajetória histórica é dividida em quatro momentos de acordo com Mortatti: metodização do ensino da leitura, a institucionalização do método analítico, a alfabetização sob medida e alfabetização construtivismo e desmetodização. A seguir será feito um breve histórico desses momentos para entender como foi a história da alfabetização no Brasil.

O primeiro momento, que foi a metodização do ensino da leitura, ocorreu por volta do ano de 1875 a 1876, nesse período haviam poucas escolas, com materiais e infraestruturas precárias, o método de ensino era baseado no “tradicional”, para aprender a leitura, acreditava-se que deveria começar com a soletração partir das sílabas. Os instrumentos utilizados nessa época para a aprendizagem de leitura eram as Cartas do ABC ou cartilhas e as metodologias utilizadas pelo professor era a soletração/ alfabético, método fônico e silabação.

O segundo momento é a institucionalização do método analítico, que ocorreu em 1890 a 1920, esse método foi algo novo e que o seu foco era a reforma no processo de aprendizagem,

sendo o oposto do “tradicional”, mas, o que é o método analítico? O foco principal desse método é que a criança para aprender a leitura, ela deve partir de partes mais completas. Por exemplo, em uma frase a criança pode extrair palavras e depois sílabas, sua forma de aprendizado parte do macro para depois ir para o micro. São trabalhados a palavração e sílabação, sua primeira implementação ocorreu no Estado de São Paulo, com o objetivo de servir como modelo para as demais escolas do Brasil.

A alfabetização sob medida, configura-se como o terceiro momento, ocorreu em meados de 1920 a 1970, nesse sentido houve disputas entre os métodos analíticos e misto, a escrita ainda é vista como ortográfica e caligráfica.

E o último momento é a alfabetização: construtivismo e desmetodização, que se iniciou nos anos 80 e estendeu-se até os dias atuais. Há uma disputa entre os construtivistas e interacionistas, uma desmetodização da alfabetização, ou seja, acredita que a aprendizagem independe do ensino e a psicogênese da língua escrita, que passa a ser vista como uma “revolução conceitual”.

Esse breve histórico sobre a trajetória da alfabetização no Brasil, é possível perceber que, vários métodos foram testados, analisados e que atualmente é necessária uma inovação, didática e conhecimento docente para uma alfabetização eficaz.

Tratando-se de uma criança com paralisia cerebral, o processo alfabetizador torna-se mais desafiador, o professor deve procurar metodologias, instrumentos, uma didática inovadora e ter domínio das teorias e conceitos da aprendizagem. Além disso, a relação entre professor-aluno é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem. Souza afirma que:

Contudo, é preciso disponibilizar o acesso aos instrumentos pedagógicos e é importante que o professor, figura central neste processo, saiba utilizá-los, todavia, o PNAIC considera que é preciso assegurar a formação continuada para o trabalho ser desempenhado com competência e entusiasmo. O que o papel do professor é importante para a sociedade e para o desenvolvimento do conhecimento do mundo, pois é ele quem favorece a aprendizagem e “organiza um determinado conhecimento e dispõe de certa maneira de propiciar boas condições de aprendizagem” (SOUZA 2014, p.2).

Nesse sentido, todo o processo que envolvam pessoas, seja alfabetizador ou não, existe o protagonista e o coadjuvante. Nesse percurso de aprendizagem será destacado quem foi o sujeito principal responsável por sua aprendizagem e quem apenas dispõe boas condições para que houvesse uma aprendizagem significativa.

A contribuição de ambos permite que os desafios da alfabetização sejam vencidos ao longo do seu processo, o indivíduo que está sendo alfabetizado não é o único que aprende, mas o que ensina está em constante aprendizado. A inovação, a busca de criatividade e a

interdisciplinaridade da alfabetização com outros componentes curriculares possibilita uma construção de conhecimentos que atenda todos os âmbitos da vida do aluno.

## **METODOLOGIA**

Nesse artigo, foi utilizada a abordagem qualitativa, é uma pesquisa descritiva, não tem intuito de obter números e sim procurar conhecimentos sobre o ambiente em que a pesquisa foi desenvolvida. Portanto, é viável dizer que, as bases teóricas – metodológicas dessa pesquisa baseiam-se em pesquisa-ação. Segundo Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzido à operacionalização de variável(MINAYO 1995 p. 22-23).

A pesquisa-ação é uma investigação. Não uma autoavaliação, pois seu caráter é de prática reflexiva e, ao ser utilizado no ambiente escolar, traz grandes benefícios para a comunidade escolar. Esses benefícios vão desde formular estratégia de ação, a diagnosticar uma situação prática para tentar melhorar ou resolver o problema. Segundo Engel (2000, p. 182), “a pesquisa-ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática”. Sua utilização ainda é benéfica para desenvolver as estratégias de ensino e, conseqüentemente, as experiências de aprendizados ali produzidas.

Como foi mencionada, uma metodologia de abordagem qualitativa é uma pesquisa que investiga os fatos sem buscar dados quantificados e foi feito o levantamento das informações através da observação, diálogo com os alunos e o contato contínuo ou frequente com a sala pesquisada. Com isso, buscou-se desenvolver um trabalho individual com a finalidade de pesquisar sobre a importância do processo de alfabetização de uma criança com paralisia cerebral, o papel desenvolvido pelo professor e o aluno, e de que forma a alfabetização pode contribuir, mudar e desafiar uma aluna com deficiência física.

Tendo em vista que, a sala de aula é um importante campo para a pesquisa, pois ela permite que os docentes analisem, reflitam a respeito de suas práticas por meio de registros, observações e intervenções, e desse modo, a classe serviu como local de estudos sobre o tema abordado neste artigo.

Por isso, essa pesquisa apontou os argumentos, informações e dados a respeito do valor da alfabetização e que é possível uma pessoa com deficiência, limitações e desafios aprender e

desempenhar um papel autônomo nesse processo. Buscou a valorização das vivências do aluno, promovendo a professora como mediadora nesse processo de aprendizagem, visando à autonomia, modificação das práticas metodológicas tradicionalistas, procurando manter uma interligação da teoria com a prática.

## **DESAFIOS E CONQUISTAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Ao decidir ser voluntária durante o percurso de graduação do curso de pedagogia em uma escola localizada no Estado da Bahia, permitiu com que vivenciasse desafios, aprendizados e conquistas. A aluna que utilizarei o nome fictício de Gabi, estudava na turma do 4º ano do ensino fundamental.

A turma possuía 27 alunos, Gabi era a única com deficiência física. Os seus colegas de classe, demonstravam bastante respeito e empatia por ela, nas brincadeiras eles sempre a chamavam, mesmo que na maioria das vezes ela recusava, em nenhum momento foi presenciado a exclusão dela por parte dos alunos. Gabi não tinha um diagnóstico exato sobre sua doença, mas o que sabíamos é que sua paralisia cerebral afetou apenas os movimentos dos pés, a mão direita, e sua cognição ocasionando dificuldade de aprendizagem. Também era perceptível na aluna que não possuía uma correlação da sua idade cronológica com a mental.

A escola não tinha uma sala adaptada e muito menos materiais que pudessem atender as necessidades da discente. Era apenas uma professora para a turma toda e na maioria das vezes Gabi não conseguia acompanhar o ritmo da professora e dos demais colegas, visto que ela ainda não era alfabetizada e os demais já realizavam leituras e produções. De acordo com a Resolução n.2/2001 que instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, afirma em seu Art. 2º:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para a educação de qualidade para todos.

A inclusão de alunos com deficiência é obrigatória por lei e não se restringe apenas em matricular, mas disponibilizar meios e condições necessárias para a permanência deste aluno. A minha chegada como voluntária na escola foi uma alternativa para tentar sanar a falta de condições adequadas para o avanço na aprendizagem da aluna. Fui direcionada para ficar dedicação exclusiva á Gabi e responsável por seu avanço na escrita e leitura.

O nosso primeiro contato não foi positivo. Gabi não aceitava ter uma professora somente para ela e queria ficar somente com a docente regente da turma. Sua reação diante disso, foi

agressões físicas direcionadas a mim. A autoridade naquele momento não conseguia exercer, então comecei a pesquisar e estudar estratégias de como conseguir conquistá-la. O primeiro passo, é o diálogo. No segundo dia, passei a aula toda conversando com ela, perguntando o que ela mais gostava de fazer, qual disciplina chamava mais sua atenção, qual o livro preferido e entre outras questões relacionadas a ela. De acordo com Santos (2011):

Quando se fala da comunicação interna, prioriza-se a importância da relação que se faz necessária entre o administrador e o funcionário. É nessa relação que toda organização escolar deve investir de forma abrangente, pois a comunicação clara e precisa entre fonte e o destino, influi decisivamente na produtividade de cada indivíduo, ao contribuir para a sua satisfação pessoal demonstrada a partir da sua competência profissional. (SANTOS 2011, p.13)

O diálogo foi fundamental para a nossa aproximação. Após conhecê-la melhor, fiz um planejamento semanal, bem diversificado, com atividades que ela me falou que gostava de fazer, brincadeiras e aulas interdisciplinares (música, educação física, língua inglesa e informática).

O planejamento foi apresentado a ela e colado na sua agenda, isso serviu para deixar claro que tínhamos horários de aulas e brincadeiras. Esse instrumento, auxilia o aluno e o docente, estabelecendo metas e ações a serem alcançadas, controlando o tempo e atividades que serão realizadas durante o dia e enfatizando ao aluno que aquilo que está posto tem horário e deve ser cumprido. De acordo com o autor:

Planejar é elaborar o plano de intervenção na realidade, aliando às exigências de intencionalidade de colocação em ação, é um processo mental, de reflexão, de decisão, por sua vez, não uma reflexão qualquer, mas grávida de intenções na realidade (VASCONCELLOS, 200, p.43)

O planejamento da Gabi foi elaborado de acordo com a sua realidade e necessidade. O objetivo daquele planejamento era o aprendizado e cumprimento das aulas e atividades, visto que, ela possuía dificuldades em querer assistir aulas, o seu desejo maior era apenas para as brincadeiras.

Dessa forma suas aulas eram alternadas. Por exemplo: na segunda-feira, eram duas aulas seguidas de língua portuguesa, depois uma hora de brincadeira, após isso, duas aulas de história, em seguida, brincadeiras e assim sucessivamente. O prêmio de alcançar o cumprimento de todas as aulas e atividades era a hora da brincadeira.

Isso ajudou bastante e foi essencial para obter os resultados. Gabi tinha dificuldades em seguir regras e ouvir a palavra não. Juntamente com o planejamento, foi feito um quadro com os combinados que serviriam para todo o ano escolar. Esses combinados eram pedir desculpas, obedecer ao professor, respeitar os colegas, não agir com violência, estar em silêncio quando for preciso, efetuar as atividades e entre outras.

Portanto, esses combinados são para impor limites e assim poder lidar com as regras e normas que são impostas. Esses combinados não estavam limitados apenas em sala de aula, mas servia também para as brincadeiras e relação entre professor, aluno e colegas.

Gabi além de apresentava inúmeras dificuldades, como o reconhecimento das vogais, consoantes, sílabas, escrita, leitura, dias da semana, datas e nome de alguns objetos. Apesar de ela ter 11 anos, a rotina das aulas era parecida com a da educação infantil pois como já foi mencionado anteriormente, a aluna possuía uma idade mental diferente da cronológica.

Foi feito um calendário, contendo os dias da semana, data, ano e se o dia estava nublado, chuvoso ou ensolarado. O objetivo era o desenvolvimento da memória da Gabi, ela manuseava o calendário, circulava a data e colava no papel como estava a temperatura do dia. Começou-se a construir uma rotina para aluna. De acordo com Proença:

A rotina estruturante é como uma âncora do dia-a-dia, capaz de estruturar o cotidiano por representar para a criança e para os professores uma fonte de segurança e de previsão do que vai acontecer. Ela norteia, organiza e orienta o grupo no espaço escolar, diminuindo a ansiedade a respeito do que é imprevisível ou desconhecido e otimizando o tempo disponível do grupo. A construção da rotina do grupo é um exercício disciplinar que envolve prioridades, opções, adequação às necessidades e dosagem das atividades. (PROENÇA, 2004, p. 15)

Ao se deparar com tudo feito e organizado, a Gabi sentiu-se mais motivada a realizar as atividades previstas. Dessa forma, aos poucos, a barreira que existia entre nós duas, estava começando a ser vencida. Através desses instrumentos, ela pode perceber que eu estava lá com o objetivo de auxiliá-la a alcançar a aprendizagem. O autor, afirma que:

O professor não deverá se restringir em satisfazer apenas as necessidades e carências; buscará despertar outras necessidades, acelerar e disciplinar os métodos de estudos, exigir o esforço do aluno, propor conteúdos e modelos compatíveis com suas experiências vividas para que o aluno se mobilize para uma participação ativa. (LIBÂNEO 1989, p. 35)

Em qualquer estratégia ou atividade realizada, sempre ficou evidenciado que ela era responsável pelo seu avanço na aprendizagem, como docente, estava lá para mostrar o caminho e ajudá-la, mas somente ela é a peça fundamental para que tivéssemos êxito. Era notório que o caminho era árduo e desafiador, porém o trabalho em conjunto, com uma protagonista e uma coadjuvante possibilitaria o alcance dos resultados.

A relação entre a aluna e eu ficou muito melhor, começamos a ter contato físico, como abraços, beijinhos no rosto, chamamos uma a outra em momentos de descontração de amigas. Toda essa afetividade melhorou o processo de aprendizagem, quando era posto uma atividade, raramente ela reclama e negava fazer. Freire afirma que:

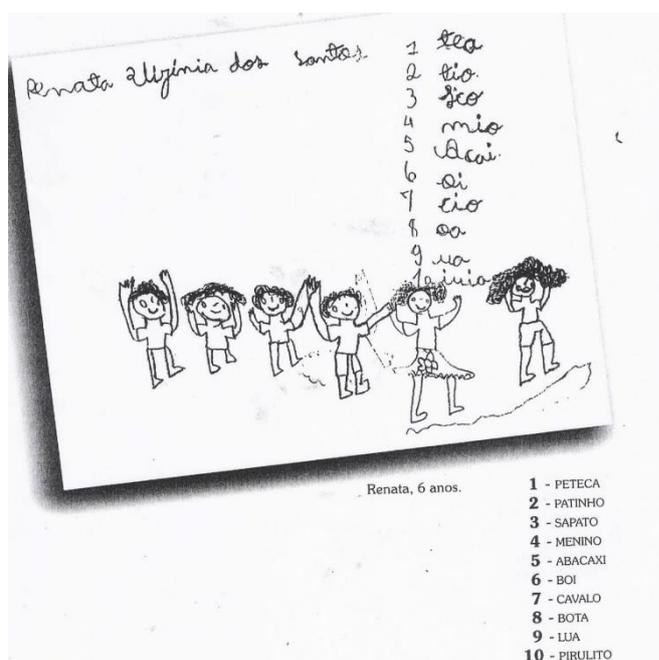
Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

Gabi não mostrava mais desinteresse em ter uma nova professora, muito menos em seguir os planejamentos semanais. As agressões físicas direcionadas a mim não aconteciam, obvio que isso tudo não foi alcançado em um mês, mas foi um processo de bastante persistência de demonstração de interesse e ajuda como docente em conquistá-la.

Ao perceber que a aluna estava gostando de mim, a preocupação tornou-se outra: quais metodologias e materiais que utilizarei para fazê-la gostar e avançar na leitura e escrita? Confesso que pensava que parecia impossível alfabetizá-la. Por isso comecei a aprofundar em pesquisas e leituras, tentando achar os métodos e atividades que seriam adequados á ela.

Realizei o diagnóstico dos níveis de psicogênese no processo de leitura e escrita de acordo com Emília Ferreiro, através do ditado e interpretação de textos, na qual eu fiz a leitura, pois a aluna não sabia ler. De acordo com as palavras que ela escreveu, ela estava no nível 3 silábico, ao ditar a palavra cavalo, ela só escrevia “clo”, ou seja, ela atribuía um valor sonoro a cada sílaba, ela escutava bem, e sabia que cavalo começava com a letra C, que no meio da palavra tinha o L e terminava com O.

**Figura 1-** Exemplo de escrita silábico



Fonte: livro Proposta didática de alfabetização. Para casa ou para sala? Nível alfabético 6

(RIBEIRO, 1999, p. 12)

Foi notório que ela reconhecia e sabia algumas sílabas, poucos fonemas e as vogais ela diferenciava das consoantes. Já era um grande passo para alcançar a leitura e a escrita. Nesse sentindo, a rotina das aulas com ela começava da seguinte forma:

**Quadro 1-** Rotina de atividades escolar da aluna Gabi

HORÁRIO	ATIVIDADES
13:00 às 14:00	Acolhimento (como foi o dia, como estava se sentindo) Cantigas de roda Calendário (dia, semana, mês e ano) Explicação da rotina do dia
14:00 às 16:00	Aula de língua portuguesa com interpretação textual, ditados, jogos
16:00 às 17:00	Brincadeiras (Gabi tinha autonomia para escolher)
17:00 às 18:00	Aula de qualquer disciplina, de acordo com o dia da semana (matemática, história, ciências, educação física, geografia e entre outras)

Fonte: Acervo pessoal, 2019

Todos os dias, a aluna tinha aula de língua portuguesa e sempre nos primeiros horários. Depois das brincadeiras, Gabi ficava bastante eufórica e muitas vezes não conseguia prestar atenção nas aulas, seu pensamento estava voltado para brincar novamente e como o processo de alfabetização é bem complexo, resolvi colocar nos primeiros horários, pois eles só brincaria se desse o se melhor nas aulas de língua portuguesa e na maior parte do ano escolar, essa estratégia funcionou muito bem.

Uma das maiores preocupações dos docentes é saber qual é a melhor estratégia, materiais ou didática a serem utilizadas durante o processo de aprendizagem. Minha preocupação estava além disso, pois minha aluna apresentava singularidades que tornaria essa trajetória bem mais desafiadora. Nesse sentindo, segundo Os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Ao procurar identificar e interpretar, mediante observação, diálogo e instrumentos apropriados, sinais e indícios das competências desenvolvidas pelos alunos, o professor pode julgar se as capacidades indicadas nos objetivos estão se desenvolvendo à contento ou se é necessário reorganizar a atividade pedagógica para que isso aconteça. Também faz parte de sua tarefa, avaliador, levar os alunos a ter consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para que possam reorganizar suas atitudes diante do processo de aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 38).

Gabi conseguia falar, mas possuía algumas dificuldades, ela tinha acompanhamento com o fonoaudiólogo para ajudar no desenvolvimento de sua fala. A paralisia cerebral deixou algumas deficiências como nas mãos dela, ao pegar o lápis, algumas vezes queixava-se de dor, quando a atividade de escrita era longa. Entretanto, ao observá-la, foi notório que, quando ela pegava no pincel ia para o quadro e fingia ser a professora, escrevendo e ensinando, ela não reclamava.

A primeira estratégia que foi utilizada foi essa: eu ficava sentada na sala, como se fosse uma aluna, ia ditando as palavras e Gabi ficava lá na frente com o pincel e quadro escrevendo. Óbvio que ela não escrevia corretamente, durante o processo eu ia corrigindo, mas a cada letra que ela acertava, ganhava um ponto. Ela se sentia a protagonista, o sujeito principal naquele espaço, e isso a ajudava a querer se esforçar para fazer o melhor.

Quando [...] se propõem métodos de aprendizado ativo, em que os alunos se tornem protagonistas do processo educacional, não pacientes deste, quer se ter a certeza de que o conhecimento foi de fato apropriado pelos alunos, ou mesmo elaborado por eles (BRASIL, 2000, p. 54).

Gabi me mostrou o que ela queria e o que seria melhor para ela, o docente deve ensinar de acordo com a realidade de cada aluno, levando em consideração o que é melhor para o indivíduo e o tornando assim o protagonista desse processo.

orientar e mediar o ensino para aprendizagem do aluno; comprometer-se como sucesso da aprendizagem dos alunos; assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos; incentivar atividades de enriquecimento cultural; desenvolver práticas investigativas; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio; desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe (BRASIL, 2002, p. 140).

O professor e o aluno devem formar uma parceria a fim de tornar o processo de alfabetização mais divertido e prazeroso. Além de utilizar o quadro da sala, para Gabi escrever as palavras e frases, a produção de instrumentos também foram utilizados para a alfabetização.

A aprendizagem ocorre de forma sistemática, ordenada e progressiva, iniciando com a consciência fonológica até chegar à leitura e à escrita de pequenos textos. A prática leva o aluno a elaborar tentativas de leitura e escrita, com auxílio de um material variado. [...] o uso do material didático é essencial a fim de que todos os objetivos da proposta sejam atingidos. (SILVA, Revista Chão da escola, 2015, p. 99-100)

Os materiais variados utilizados, envolviam o livro didático, jogos pedagógicos e a tecnologia como o computador e o próprio tablet da aluna. Todos os dias, ela fazia interpretação textual, que era da seguinte forma: Gabi escolhia o livro na biblioteca, eu lia e depois realizava

as perguntas de forma oral e algumas respostas eram escritas ou apenas falada. Essa estratégia de questioná-la, possibilitava bastante a reflexão e o exercício da mente.

Um certo dia, Gabi escolheu uma historinha que falava sobre uma menina que amava ler. Após o término da leitura, a aluna não parava de dizer que queria ser igual a personagem do livro e por muitos dias, na hora do intervalo, era pegava outros livros para serem realizados a leitura. Algumas vezes, era lido três historinhas por dia, ela demonstrava interesse, atenção e sua interpretação sobre os textos evoluiu.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4)

A imaginação e a mistura que a aluna fez entre o real e o imaginário, colaborou para o seu progresso na leitura e interpretação textual. A leitura permite essa viagem no mundo imaginário e propaga conhecimentos e valores que podem perdurar por toda a vida do sujeito.

Os jogos pedagógicos foram essenciais para o aprendizado das letras e formação de sílabas. O primeiro jogo que levei para a sala de aula, foi o jogo da memória com sílabas, o objetivo desse jogo era que Gabi reconhecesse as sílabas e estimular a memorização. A animação de quando ela acertava era nítida e esse jogo era uns de seus preferidos. A cada mês o jogo era refeito com novas sílabas, a medida que a aluna iria avançando. O autor afirma que:

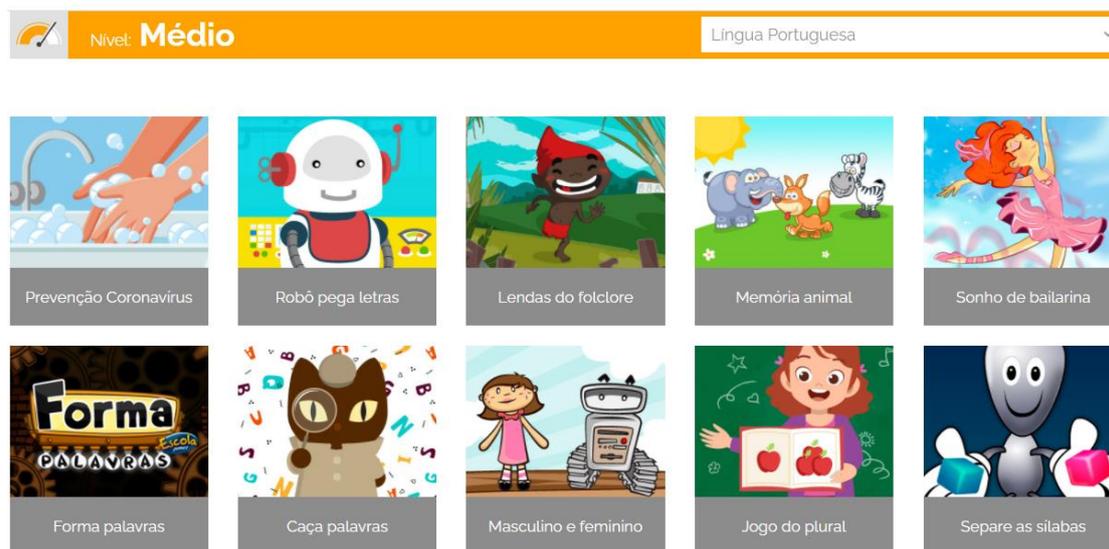
A utilização de jogos educativos como recurso didático-pedagógico, voltado a estimular e efetivar a aprendizagem, desenvolvendo todas as potencialidades e habilidades nos alunos, é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes, descontraídas e dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola. (MAFRA, 2008, p. 13)

Os jogos possuíam suas regras e a disciplina dela estava sendo treinada e isso á ajudava em seu relacionamento comigo e com os demais colegas. Outros jogos aplicados foram bingo, caça palavras, rolo silábico, dominó e roleta de sílabas. As aulas com esses instrumentos, eram divertidas, dinâmicas e o objetivo da aula era alcançado em sua maioria. Para Emerique:

[..] se os professores considerassem o lúdico como um recurso associado à motivação, talvez o exercício ou a tarefa se tornassem mais desafiantes, provocadoras de curiosidade, [...] permitindo maior envolvimento e compromisso com o desafio do conhecimento da realidade, de si mesmo e do outro, facilitando o aprender a aprender. (EMERIQUE, IN BICUDO, 1999, p. 190).

O último instrumento bastante utilizado durante esse ano escolar foi a tecnologia. Gabi tinha um tablet, no nosso planejamento duas vezes na semana ela levava ele para a escola. Era trabalhado o site, Escola Games, a Língua Portuguesa no nível fácil, médio e difícil. Os games utilizados eram os seguintes:

**Figura 2-** Site Escola Games, jogos de Língua Portuguesa em nível médio



Fonte: *print screen* do site escola games.

São games lúdicos que envolvem caça palavras, plural, singular, separação de sílabas, jogo da memória, letras, interpretação textual e entre outras. A criança utilizando a tecnologia como mediadora na alfabetização, possibilita que ela aprenda brincando.

Com o livro didático, jogos educativos e a tecnologia, serviram para o avanço de Gabi na alfabetização. No final do ano escolar, todas as suas atividades foram montadas em um modelo de livro, para que a próxima professora pudesse dar continuidade.

Gabi me surpreendeu quando começou a escrever e reconheceu o seu nome, falava o alfabeto todinho, sem pular nenhuma letra, ao escrever frases, palavras, conseguir interpretar ou resumir as histórias contadas, todos esses resultados faz com que o trabalho mesmo sendo bastante desafiador tenha valido a pena.

A alfabetização requer tempo e dedicação, tanto do aluno quanto do professor. A aluna mesmo apresentando deficiência física e dificuldades de aprendizagem, não deixou de lutar pelo objetivo que eu nós tínhamos em comum. A deficiência ou a dificuldade não devem serem usadas como desculpas para que o professor não desempenhe um bom trabalho.

A aluna ampliou e desenvolveu seu potencial cognitivo, foi um desafio, mas satisfatório por ter sido uma das pessoas participantes desse processo. A estratégia utilizada no processo alfabetizador possibilitou com que a aluna vencesse seus desafios e limitações, permitindo assim que ela tornasse a protagonista no seu percurso de aprendizado. Como docente, apenas

fui a coadjuvante, a que auxiliava a protagonista a alcançar um objetivo comum, a leitura e a escrita.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando em consideração esses aspectos mencionados, ficou evidenciado que alfabetização é fundamental e necessária. Mas para alfabetizar, não basta conhecer a respeito da história ou da parte teórica sobre como se dar esse processo. É uma junção da teoria com a prática que envolvam inovações, materiais lúdicos, paciência e dedicação.

O processo para alcançar a leitura e a escrita é bastante complexo, mas não impossível. Utilizando estratégias, materiais e incentivo de acordo com a singularidade de cada aluno, os resultados e o objetivo é alcançado. Gabi mesmo com suas limitações, conseguiu ler, escrever interpretar textos, rompendo todos os protótipos existentes.

A pesquisa no âmbito da alfabetização voltada para crianças com deficiência é importante para ajudar demais docentes que estão nesse seguimento. Sujeitos que também não são da área de educação, ao lerem pesquisas como esta, podem desenvolverem um pensamento diferente a respeito do ensino a alunos com paralisia cerebral, pois infelizmente, tentam limitar o desenvolvimento cognitivo de uma criança com deficiência, acreditando que não será capaz de ocorrer avanços ou aprender como as demais.

A pesquisa sobre alfabetização de uma criança com paralisia cerebral, leva reflexão e questionamento de quem é o protagonista e coadjuvante nessa trajetória. Sem dúvidas, Gabi foi a protagonista, o elemento principal e mais importante nesse processo. Como professora e coadjuvante, estava ali apenas para auxiliá-la e ajudar a conquistar o objetivo que tínhamos em comum: a alfabetização.

Ao ensinar o aluno deve aprender aquilo que é preciso, letras, frases e textos, não era apenas as únicas coisas precisas que Gabi necessitava aprender. Ela conheceu as regras, soube como respeitar, ser disciplinada e até utilizar os instrumentos tecnológicos. Dessa forma, o aprendizado de Gabi foi além de suas disciplinas que tinham de ser cumpridas.

E como docente? O que aprendi? A docência me ensinou a acreditar que tudo é possível, que ser professora é um trabalho árduo, mas compensatório, que tinha que me reinventar todos os dias, que errar faz parte e tentar novamente não exclui tudo o que foi conquistado até o momento, e um dos mais importantes aprendizados foi não limitar o conhecimento ou capacidade alguém de acordo com a aparência ou dificuldades que o indivíduo possa apresentar.

É necessário reinventar a alfabetização, com métodos e processos variantes, levando em conta as ideias dos alunos, sua realidade, necessidades a fim de facilitar o aprendizado e a construção do conhecimento do aluno juntamente com a professora.

O aprendizado pode ser significativo a medida que o professor indaga o aluno, levando-o a reflexão. Também é importante adequar os assuntos de acordo com os gostos e alguns desejos que o discente apresentar. Deixar o aluno utilizar dos seus cinco sentidos para o desejo pela leitura, como o tocar, sentir e cheirar o livro. Parece ser uma estratégia, que não dar resultados, mas a medida que o aluno passa a ter mais contato com os livros, ele começa a sentir-se íntimo daquele instrumento, reforçando o anseio pela leitura e descobertas de novas histórias.

A alfabetização não está somente na disciplina de Língua Portuguesa, mas ela deve interdisciplinar com a matemática, história, ciência e até mesmo nos momentos de intervalo. Não há um método perfeito, capaz de fazer a criança ler do dia para a noite. Mas há instrumentos que podem servir como mediadores e facilitadores nesse processo.

Produção de jogos, utilização da tecnologia, histórias ilustradas em desenhos, uso de fantoches, tudo isso com o bom uso da criatividade permite que os objetivos de leitura e escrita sejam alcançados. Infelizmente no Brasil ainda existem muitas pessoas que são analfabetas, e por esse motivo a alfabetização é vista como um problema social e econômico e até político.

A capacitação e a prática, permitiu o respeito às diferenças, aprimoramento do conhecimento e descobertas. A cada experiência vivida, o professor e o aluno deixam marcas que serviram para a vida toda, eu não passei despercebida pela vida escolar de Gabi e muito menos ela na minha, será sempre lembrada como a protagonista em um processo tão complexo e desafiador que é a alfabetização.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão**: recomendações para a construção de escolas inclusivas. 2 ed. Coordenação geral

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/matematica.pdf>>. Acesso em: 10 setembro de 2020.

BORIN, J. **Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática**. 3.ed. São Paulo: IME/USP, 1998.

EMERIQUE, P. S. **Isto e aquilo: jogo e 'ensinagem' matemática**. In: BICUDO, M. A. V.

- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo. Moderna, 1996
- HENRIOT, Jacques. **Sous couleur de jouer: la methapore ludique**. Paris: José Corti, 1989.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação**. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.
- LARA, Isabel Cristina Machado. **Jogando com a matemática**. São Paulo: Rêspel, 2005.p. 13-30. cap.1-2.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MAFRA, S. R. C. **O lúdico e o desenvolvimento da criança deficiente intelectual**. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2444-6.pdf>. Acesso em junho de 2016
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PROENÇA, M. A. de R. **A rotina como âncora do cotidiano na educação infantil. Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, ano II, n. 4, p. 13-15, abr./jul., 2004.
- REGO, Cristina Tereza. **VYGOTSKY**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>, acesso em 04 de setembro de 2020.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.
- SANTOS, J. P. dos. **Comunicação na gestão escolar**. Revista Interdisciplinar aplicada, Blumenau, v. 5, n.4, p 1- 22, TRI IV, 2011.
- SILVA, Claudia Mara. **Alfabetização e deficiência intelectual: uma estratégia diferenciada**. Revista Chão da Escola. Novembro 2015- nº 13. Disponível em: [http://www.sismmac.org.br/disco/arquivos/113\\_238.pdf](http://www.sismmac.org.br/disco/arquivos/113_238.pdf). Acesso em 02 de setembro de 2020.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 40ªed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SOARES, Magda, **Letramento e alfabetização: as muitas facetas\***, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.
- SOUZA, M. M.; MAIA, S. R. **Como se dá o processo de letramento/ alfabetização da criança com surdocegueira**. V Congresso Brasileiro multidisciplinar de educação especial. Anais.... Universidade Estadual de Londrina, 2009.
- TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 9 ed. São Paulo: Liberdade, 2000
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007